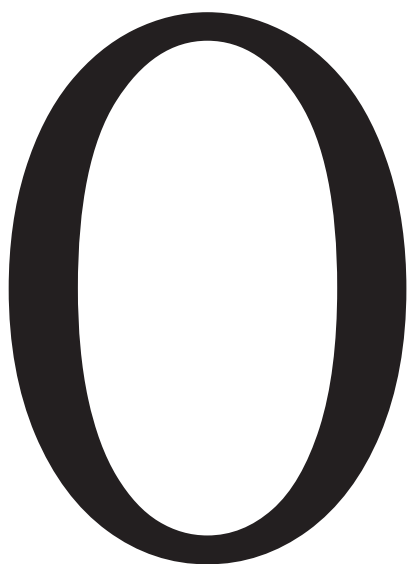


Vámbéry, de órfão pobre a poliglota e cientista renomado

Aleksandar Jovanović



objetivo do presente texto é apresentar, de modo muito breve, a incomum figura do húngaro Ármin Vámbéry, um homem do século XIX, conhecedor de inúmeras línguas indo-europeias e asiáticas e que se tornou especialista nos idiomas turcomanos. Apesar de não ter tido condição de frequentar uma universidade, em vários de seus textos estão esboçadas, com traços leves e, por óbvio, ainda sem a terminologia adequada, noções teóricas que a linguística construi-

ALEKSANDAR JOVANOVIĆ é professor da Faculdade de Educação da USP, tradutor e membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Húngaros da FFLCH-USP.

ria apenas no século XX. Esse personagem singular viajou várias vezes para a Ásia Central, viveu na Turquia durante um período, tornou-se membro da Academia de Ciências da Hungria e também deixou milhares de páginas que demonstram o vasto conhecimento que acumulou.

Ármin Vámbéry (1832-1913) nasceu em Szentgyörgy (hoje Svätý Jur, na Eslováquia), localidade situada ao norte de Bratislava. Na época do nascimento de nosso personagem, todo o território eslovaco fazia parte da Hungria, que, por sua vez, integrava o império dos Habsburgos. Com menos de um ano de idade, perdeu o pai, vítima de uma epidemia de cólera. A família era muito pobre. Com dois filhos pequenos, a mãe abriu um pequeno negócio (que não conseguiu manter por muito tempo), casou-se de novo e precisou mudar-se para Dunaszerdahely (Dunajská Streda, também na Eslováquia atual), onde o segundo marido possuía parentes¹.

Estes e muitos outros fatos autobiográficos são narrados em primeira pessoa, com pormenores, no volume publicado aos 73 anos, quando já era um pesquisador reconhecido e membro da Academia de Ciências da Hungria (Vámbéry, 1905, pp. 5 e segs.). A exemplo do que faz na obra publicada em inglês – extenso volume com mais de 400 páginas, editado três décadas antes (Vámbéry, 1884, p. 33.) –, também no texto em húngaro chega a confessar que passou fome até os 18 anos e que, muitas vezes, na infância sua refeição era um mingau de sabugueiro (sic).

1 Svätý Jur, no distrito de Pezinak, próximo a Bratislava, possui hoje 5.578 habitantes; Dunajská Streda, também naquela área, tem 22.639 habitantes.

Destacou-se nas escolas pela inteligência e memória incomuns. Os professores sempre o chamavam para exibir aos pais dos outros estudantes a capacidade que possuía para memorizar extensos textos nas línguas que já conhecia. Certa ocasião, a escola recebeu um visitante ilustre que, surpreso pelo desempenho invulgar do estudante, incentivou o menino-prodígio a continuar estudando e até lhe deu uma moeda de prata².

No entanto, a pobreza continuava rondando a família: com pouca idade, a irmã precisou trabalhar para ajudar no sustento da casa; a seguir, foi a vez do futuro linguista, tradutor e etnógrafo tornar-se aprendiz de costureiro de roupas femininas. Entre 11 e 12 anos, tornou-se tutor do único filho do taverneiro de uma aldeia. O aluno, dois anos mais velho do que ele, maltratava-o. Não bastasse isso, após as quatro/cinco horas em que lecionava, Vámbéry precisava servir os clientes na taverna e ainda limpar as roupas e sapatos da família do taverneiro. Suportou esse emprego por seis meses. Desde cedo revelou extraordinária facilidade para aprender idiomas: aos 16 anos, já conhecia vários

2 O pai de Vámbéry era um talmudista sem quaisquer recursos que passou a vida estudando. O padrasto também era judeu e o menino foi colocado numa escola religiosa, onde, com pouca idade, logo aprendeu hebraico, húngaro e alemão. Apesar da falta de recursos do novo marido também – e graças ao desempenho incomum nos estudos –, a mãe pôde transferi-lo na mesma cidade de uma escola religiosa de nível menos avançado para outra, mais afamada. Depois matriculou-o na escola protestante, onde também aprendeu latim muito depressa. Antes de ter concluído o ginásio, possuía perfeito conhecimento de hebraico, húngaro, eslovaco, alemão e latim. O visitante era György Bartal (1785-1865), conhecido jurista, cujo filho (chamava-se também György Bartal [1820-1875]) seria, anos mais tarde, primeiro-ministro húngaro. Começaram naqueles anos os contatos de Vámbéry com membros destacados da sociedade.

de modo fluente e a seguir, com rapidez, dominou o francês, o inglês, as línguas escandinavas, várias românicas, o russo, o sérvio e as demais eslavas.

Depois, foi morar em Pozsony (o nome Bratislava na época) com a roupa do corpo e alguns livros; mal possuía dinheiro para sobreviver. Em suas memórias, redigidas em inglês fluente e com estilo próprio, conta que chegou a viver de pão e água e que, muitas vezes, a cada dia da semana era uma casa diferente que lhe oferecia uma refeição completa (Vámbéry, 1884, pp. 4 e seg.). Àquela altura, aos 20 anos, havia aprendido turco sozinho e conseguia comunicar-se bem nesse idioma, como ele próprio lembrava. Porém, a constante sombra famélica sempre seguia seus passos e foi rememorada durante a vida inteira: “No decorrer da minha vida aventureira, várias vezes fiquei face a face com o monstro, cujo nome é ‘Fome’”, escreveu (Vámbéry, 1905, p. 18)³.

Como em narrativas de textos de ficção – situação muito similar à de seus compatriotas Sándor Csoma Körösi (c.1784-1842), que desvendou a língua e cultura tibetanas, e Ignác Goldziher (1850-1921), arabista de relevo –, dois anos depois interpôs-se em seu caminho o barão József Eötvös (1813-1871), ministro da Educação da Hungria, a quem foi apresentado. Foi Eötvös quem lhe

3 “*Kalandos életem során többször kerültem szembe a szörnyeteggel, akinek a neve ‘Éhség’*” – no original em húngaro (Vámbéry, 1905, p. 18). Cabe observar que, além de todas as provações, nosso personagem ficou paralítico de uma das pernas na primeira infância e precisou usar muleta. A julgar por seus próprios relatos da moléstia, é provável que tenha contraído poliomielite por volta dos três anos de idade. Aos 14 anos decidiu largar a muleta e utilizar apenas uma bengala para andar.

Foto: Reprodução



Fotografia de Vámbéry, feita em Teerã, em janeiro de 1864 pelo fotógrafo da corte persa M. Carlian

concedeu uma bolsa para viajar a Istambul e tornar-se tutor de línguas estrangeiras na casa de um otomano poderoso. Logo tornou-se secretário particular de Mehmed Fuad Paxá (1814-1869), que chegou a ser grão-vizir e ministro de Relações Exteriores do Império Otomano. Durante os anos em que viveu na Turquia, redigiu um dicionário turco-alemão, publicado em 1858, e outras obras que lhe valeram a indicação para membro da Academia de Ciências da Hungria, em 1860. Disfarçado de dervixe sunita, usando o nome de Rachid Efendi, viaja pela Ásia Menor, Armênia, Pérsia, Afeganistão, Khiva, Bucara e Turquestão. Na autobiografia escrita em inglês, menciona que, ainda jovem, já sonhava com o Oriente muito antes de se dedicar ao estudo da língua turca.

Nesse volume, narra a viagem pelo Danúbio e, em seguida, pelo Mar Negro. Desembarcou na Turquia sem conhecer ninguém e foi ajudado por diversas pessoas de várias nacionalidades até ser contratado por Hussein Darm Paxá, um general de divisão circassiano, para que ministrasse aulas de francês ao filho. Esse foi um passo importante para que conhecesse outros turcos importantes: o mulá chamado Ahmed Efen-di ter-lhe-ia ensinado persa e outro mulá, Khalmurad, teria incentivado o europeu que falava turco a viajar, poucos anos depois, para Bucara, Samarcanda e outras regiões asiáticas. De volta à Hungria, em 1861, foi admitido como membro-correspondente da Academia de Ciências da Hungria em reconhecimento às suas traduções do turco para o húngaro; recebeu ainda 600 florins de prata, quantia que lhe possibilitou conhecer a Ásia Central.

Tendo descido o Mar Negro de navio, Vámbéry foi a cavalo até a Pérsia; a caminho passou pelo Curdistão. Em 1862, saiu de Teerã para Shiraz. Em suas memórias, descreve a viagem através do deserto de sal de Dechk-kuvir, a passagem pelas ruínas de Persépolis, pelo Turquestão, contatos com os uígurs (minoridade muçulmana da China de língua turcomana), tártaros e uzbeques. Ao relatar a longa jornada, com certa riqueza de pormenores, faz menção às rivalidades entre sunitas e xiitas no mundo muçulmano e menciona sua chegada a Bucara, onde ainda havia comércio de escravos em plena luz do dia (sic), e a Samarcanda, no Tajiquistão.

Segundo ele, o disfarce salvou-o em muitas circunstâncias, a exemplo de algumas cartas de recomendação de autoridades da Sublime Porta que levava consigo, e que



Vámbéry Ámin

Vámbéry em fotografia de 1905

lhe teriam possibilitado inclusive visitar diversos lugares sagrados dos xiitas. Nosso personagem enumera datas, locais e nomes de alguns europeus das mais diversas nacionalidades que encontrara pelo caminho. Chega a mencionar a figura de Henry Rawlinson (1810-1895), soldado e orientalista inglês conhecido por ter desvendado as inscrições em caracteres cuneiformes gravadas em persa, elamita e assírio em Behistun, na Pérsia. Ao regressar de suas peregrinações pela Ásia e chegar a Teerã, o embaixador austríaco, conde Prokesch-Osten, recomendou que ele fosse a Londres relatar as viagens. Em maio de 1864, Vámbéry estava de volta à Hungria. No

mesmo ano, publica em inglês o relato de suas peregrinações pela Ásia Central, obra que desperta grande interesse na Europa. Foi o primeiro livro de um europeu culto a respeito de línguas, dialetos, religiões, folclore e sistemas políticos daquela parte do mundo. Ao longo da vida, repetidas vezes foi hóspede do castelo de Windsor.

Apesar de ter sido admitido como membro da Academia de Ciências da Hungria e de ter sido recebido por figuras importantes do mundo político-social, manifesta significativa humildade na obra escrita na maturidade: “Se minha insignificância é referida como cientista nas biografias publicadas até agora, a classificação não se encaixa em nenhum caso (e) desagradame ainda mais, porque é realmente tudo o que não sou, não sou cientista e jamais poderia ser, no sentido corrente do termo. Para ser cientista, eu não tinha as qualificações, a educação e o temperamento” (Vámbéry, 1905, p. 123).

OBRA MONUMENTAL

A magnitude e profundidade da pesquisa de Vámbéry são impressionantes: excluído o dicionário turco-alemão, de 1858, seus 12 principais livros (nove em húngaro, três em inglês) totalizam mais de 5.200 páginas. Abarcam relatos de suas viagens pela Pérsia e Ásia Central, observações linguísticas, etnológicas, históricas e sociológicas a respeito dos diversos povos de origem turca, debates sobre a origem dos húngaros e de sua língua e mais dois textos autobiográficos. Há, também, um opúsculo de 18 páginas que trata das características dos falares

turcos do leste da Turquia e outras 54 a respeito do grupo etnolinguístico tchuvache, ambos escritos em húngaro. Não estão computados aqui estudos e artigos esparsos e obras publicadas em alemão como, por exemplo, a gramática do tchagatai, reunidos num volume de 358 páginas em Leipzig, no ano de 1867, e reeditados em 1975 (Vámbéry, 1975). Este idioma está extinto, mas foi falado entre o século XV e início do XX e permaneceu como língua literária na Ásia Central durante muito tempo. Nosso personagem conhecia a língua a fundo!

Segue-se uma síntese das obras principais de Vámbéry. Em inglês: *Viagens e aventuras na Ásia Central. Uma viagem de Teerã através do deserto turcomano, na costa oriental do Cáspio, até Khiva, Bucara e Samarcanda*, 1864; *Arminius Vámbéry – Sua vida e aventuras, escritas por ele mesmo. Com retrato e quatorze ilustrações*, 1884; e *Hungria nos tempos antigos, medievais e modernos*, 1886. Em alemão: *Estudos de língua tchagatai*, contendo esboço gramatical, cromaticia e dicionário da língua tchagatai, 1867 (reeditado em 1975). Em húngaro: *A raça turca em termos etnológicos e etnográficos*, 1895; *Viagem à Ásia Central – Encomendada pela Academia de Ciências em 1863 de Teerã através do deserto do Turcomenistão, na costa oriental do Mar Cáspio até Khiva, Bucara e Samarcanda*, 1895; *A origem e o desenvolvimento dos húngaros*, 1895; *Minhas lutas*, 1905; e *No berço da hungaridade. O início e o desenvolvimento do parentesco húngaro-turco*, 1914. Como é fácil perceber, nosso personagem transitou de modo transversal, com segurança e co-

nhecimento invejáveis, por temas linguísticos, etnográficos e históricos. A simples leitura dos autores e obras citados em suas obras, desde a Antiguidade até a Idade Contemporânea, lança luz sobre a dimensão do polímata que foi.

Vámbéry foi objeto de muitas críticas de József Budenz (1836-1892) pelo fato de não aceitar, sem debater a questão mais a fundo, as hipóteses que atribuem origem fino-ugriana ao povo e língua húngaros⁴. Nosso personagem sustentou duas teses que, de certo modo, foram de encontro não apenas a todas as pesquisas anteriores, mas também sacudiram a ideia quase idílica de que magiares integram, com mais alguns povos, o ramo (etno)linguístico fino-ugriano, de modo geral, e o úgrico, em particular, e que teriam se *desagarrado* (sic) há milênios de seu hábitat original na Sibéria. Argumentou que étnica e linguisticamente os húngaros seriam um *grupo populacional e linguístico misto*. Ainda sem acesso (por óbvio!) ao léxico e aos fundamentos teóricos que apareceriam apenas no século XX, defendeu conceitos que, muitas décadas mais tarde e como resultado de intensas pesquisas, demonstraram a existência de línguas pidgin e creolas. Outrossim, buscou ilustrar também a ideia – comprovada – de que

grupos populacionais podem abandonar a sua língua e adotar outra, sob determinadas circunstâncias históricas (Trudgill, 2000, p. 43). É importante salientar *ipsis verbis* a observação de Trudgill: “[...] e sabemos de alguns casos bem atestados de grupos étnicos inteiros mudando de idioma ao longo do tempo [...]”. De certo modo, as ponderações de nosso autor não sustentam que os proto-húngaros abandonaram uma língua fino-ugriana, mas defendem a tese de que o contato intenso e estreito com grupos de línguas turcomanas teria transformado o idioma, a ponto de torná-lo primeiro *pidginizado* e depois uma *língua mista* (em suas palavras), ou seja, uma língua creola, conforme a terminologia científica atual. Na extensa obra de 750 páginas, intitulada *A raça turca sob as perspectivas etnográfica e etnológica*, publicada em húngaro (1895), procura reconstituir a peregrinação dos povos turcos ao longo da história, pormenorizando elementos culturais e históricos, apoiado em vasta bibliografia redigida em incontáveis línguas.

Não se pode esquecer o fato de que muitos argumentos de nosso personagem dialogam, de modo pioneiro, com a ideia da tipologia linguística. No entanto, cabe observar que, por óbvio, não havia estudos tipológicos na época em que viveu (pesquisas, estudos e algumas teorias referentes à tipologia linguística são da segunda metade do século XX). A maior parte dos estudos dos contemporâneos de Vámbéry baseava-se na linguística histórico-comparativa, na semelhança/disseminação lexical entre as línguas.

Evidentemente, a gênese, as características e outras inúmeras questões relativas

4 Budenz, alemão de nascimento, transferiu-se para a Hungria aos 22 anos. Com vários títulos acadêmicos, aprendeu húngaro muito depressa e dedicou-se à pesquisa das línguas fino-ugrianas, do turco, mongol etc. Foi bibliotecário e membro da Academia de Ciências da Hungria. Tornou-se o principal adversário de Vámbéry por não aceitar a tese de que a língua e o povo húngaros fossem originários de um grupo étnico próximo aos turcos. Um dos “argumentos” centrais da contestação de Budenz parecia residir no fato de que o adversário sequer possuía ginásio completo (sic).



Vámbéry, em 1864, ao lado do tártaro Ishak, que o acompanhou nas viagens pela Ásia Central

às línguas pidgin e creolas são até hoje objeto de incessantes e acalorados debates (e embates) teóricos (ver, por exemplo, Mühlhäusler, 1997; Hagège, 1993, 2001). No entanto, trata-se de problemas discutidos na segunda metade do século XX, depois de essas línguas terem sido identificadas, estudadas, e de ter sido construído um referencial teórico respeitável. É preciso contextualizar as observações de Vámbéry: ele deixou-as redigidas entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, numa época em que esse tema em particular sequer aparecia nos estudos linguísticos. E formulou sua hipótese, inovadora e bastante avançada, com base exclusivamente em fatos históricos e dados linguísticos, graças ao rol extenso de idiomas que conhecia. Entendemos que não se trata de dar razão a este ou aquele grupo que participou do embate provado

pelos escritos de nosso autor, mas sim de reconhecer o alcance de suas especulações.

A “CHAVE” TURCA

Convém notar que pesquisadores pioneiros que o antecederam, tais como János Sajnovics (1733-1785), Sámuel Gyarmathi (1751-1830) ou Antal Reguly (1819-1858), com base em estudos comparativos e o último tendo estudado *in loco* a língua, costumes e folclore do povo mansi, na Sibéria, lançaram como definitiva, indiscutível, a tese de que o idioma magiar pertence ao ramo fino-ugriano. E apesar de terem concluído e demonstrado que o húngaro não tem qualquer possibilidade de intercompreensão mútua (ainda que fosse ínfima) com qualquer uma das línguas desse grupo e com qualquer outra falada na Europa ou alhures, jamais questionaram um volume mais robusto de dados históricos, linguísticos, etnográficos e sociológicos. Vámbéry foi em direção inversa, embora tenha assegurado que originalmente os húngaros derivaram, sim, de um ramo etnolinguístico úgrico: defendeu a tese de que os magiares e sua língua, em consequência das incontáveis migrações, miscigenaram-se com povos e línguas turcomanas. Por isso, sustentou que o húngaro seria uma *mista* (hoje, o termo correto para ilustrar a hipótese que apresentou seria língua *creola*) – com elementos de base de idioma úgrico, mas com *avantajado léxico* comum aos povos turcomanos. Escreveu:

“Resumindo, pode-se dizer assim: a húngaridade é uma derivada úgrica, que se

tornou turca e, com o passar dos tempos, ingressou na história mundial como turca. Ninguém pode escapar desta convicção, se se examinar sem julgamento filológico os eventos culturais de que falo [na obra] *A origem dos húngaros*. Em primeiro lugar, não há língua no mundo em que palavras emprestadas estariam numa maioria tão esmagadora como o vocabulário turco [...] em húngaro” (Vámbéry, 1914, p. 40).

E ilustra sua tese de modo amplo com vocabulário referente a plantas, animais etc. Além disso, vai na contramão das que sustentam que: 1) o húngaro é uma língua fino-ugriana que possui *alguns poucos termos* comuns com os idiomas turcomanos *incorporados antes* da chegada à Europa; 2) o vocabulário *mais numeroso* de origem turca presente na língua *é derivado da invasão e ocupação otomanas* a partir das primeiras décadas do século XVI. Por outro lado, observa:

“[...] sob o nome ugor agrupamos voguls, ostíacos, vostíacos, zurianos, mordúinos, lapões, estonianos e finlandeses; esses são pequenos grupos étnicos que vivem das margens do Rio Sozva até a terra dos lapões e o Volga no sul, numa área enorme que se estende até o meio do rio; grupos étnicos que não são distintos apenas linguisticamente, mas também em termos antropológicos e étnicos. Uma vez que os ugars, numa época obscura, formaram um todo unificado e considerando que na língua dos húngaros há vestígios de cada uma das línguas citadas, os elementos ugars só podem remontar no idioma magiar ao tempo em que a tribo úgrica não havia se dividido ainda e alguns ra-

mos estavam juntos com os fragmentos que mais tarde se fundiriam no estado húngaro [...]” (Vámbéry, 1914, p. 53).

Como podemos verificar, o autor construiu seu raciocínio no sentido de que a língua magiar seria um idioma que denomina de *misto*, com base nas camadas distintas e sucessivas de traços lexicais que ainda podem ser identificados de modo claro. Se houver, é claro, conhecimento aprofundado não só da língua húngara, mas sobretudo das de linhagem ugriana e turca também. Vámbéry lembra que a maioria dos habitantes da Panônia no período em que os húngaros apareceram em seu território atual, sobretudo nas cidades, era eslava ou uralo-altaica (esta, sob a influência dos francos e dos alemães vizinhos, há muito se inclinava ao cristianismo). Destaca o fato de que considera um *grande erro* aplicar ideias posteriores àquela época às condições populacionais do intervalo entre os séculos VIII e X, uma vez que os países ao longo do curso inferior do Danúbio, em especial na Panônia, eram pouco povoados na Idade Média e as cidades e locais fortificados tinham habitantes eslavos.

Assim, continua, os húngaros não formavam ainda uma nação ou um povo, mas eram apenas uma tribo turcomana, que percorria então as regiões do norte dos mares Cáspio e Negro, constituída por diferentes grupos etnolinguísticos minoritários, tais como húngaros, kazares, uzbeques, cúmanos, petchenegues etc., até a chegada dos mongóis. Cita um rico material publicado pela Academia Húngara de Ciências em 1900, no qual estão listadas por ordem fontes relativas ao pe-

ríodo da conquista territorial definitiva da Hungria, ou seja, fontes bizantinas, orientais, ocidentais, eslavas, húngaras e memórias da época da ocupação da Panônia. Muitos de seus textos fazem alusão comparativa a essas fontes plurais. Em determinada passagem, sublinha que Constantino VII Porfirogêneta (913-959), imperador bizantino, chamara os húngaros de turcos (*turkoi*). Este tema, em particular, teve repercussão no pequeno opúsculo intitulado *Os cúmanos*, redigido pelo linguista e etnólogo húngaro Pál Hunfalvy (1810-1891). Na obra mencionada, Hunfalvy faz menção às teorias de Vámbéry, mas é preciso sublinhar que o autor do opúsculo foi um dos que consolidaram no século XIX a teoria relativa à origem fino-ugriana do idioma magiar e também autor de volumosa obra sobre a língua khanti, falada na Sibéria por um pequeno grupo populacional, considerada (com o mansi) uma das línguas mais próximas ao húngaro sob o ponto de vista tipológico.

À GUIZA DE CONCLUSÃO

Com efeito, o presente texto – devido à sua brevidade e superficialidade – é incapaz de fornecer um retrato em profundidade da obra de Vámbéry, e tampouco consegue debater inúmeros

pontos essenciais que emergem de sua abrangente obra. Nem foi, em momento algum, esse o intento dessas linhas. O objetivo modesto é apenas lançar luz sobre uma figura pouco conhecida por estas plagas. Afinal de contas, conseguiu amalgamar dois perfis num só personagem: o do cientista portador de um volume de conhecimento admirável, e o do aventureiro destemido motivado pela busca incessante do saber.

A trajetória de vida do autor é a exemplificação concreta do esforço continuado em direção a um objetivo e a uma reflexão pioneira a respeito de importantes questões teóricas. Os processos sociais e históricos que determinam transformações estruturais nas línguas merecem sempre um exame acurado, com base em dados passíveis de verificação e comprovação empírica. Até hoje a unidade filogenética dos idiomas continua um debate teórico amplo, sobretudo porque a tentativa de reconstrução das chamadas protolínguas não fornece dados empíricos suficientes para iluminar processos históricos e sociais não documentados. De qualquer modo, Vámbéry deixou como legado abundante material etnolinguístico, e também formulações teóricas sagazes. Além, é claro, de uma lição de vida mais do que respeitável; da pobreza famélica ao palco internacional devido aos conhecimentos acumulados.

REFERÊNCIAS

- DeGRAFF, M. "On the origin of creoles: a cartesian critique of neo-darwinian linguistics", in *Linguistic Typology*, v. 5, n. 2, 2001, pp. 213-300.
- HAGÈGE, C. *The language builder: an essay on the human signature in linguistic morphogenesis*. Amsterdã, John Benjamins, 1993.
- HAGÈGE, C. "Creoles and the notion of simplicity in human languages". *Linguistic Typology*, 5, 2001, pp. 167-75.
- MÜHLHÄUSLER, P. *Pidgin and creole linguistics, expanded and revised edition*. Londres, University of Westminster Press, 1997.
- TRUDGILL, P. *Sociolinguistics – An introduction to language and society*. 4ª ed. Londres, Pelican Books, 2000.
- VÁMBÉRY, Á. *Travels and adventures in Central Asia – A journey from Teheran across the Turkoman desert on the eastern shore of the Caspian to Khiva, Bokhara, and Samarcand*. Londres, John Murray, 1864. (Cópia fac-similar eletrônica, 2013.)
- VÁMBÉRY, Á. *Vándorlásaim és élményeim Persiában*. Pest, Gusztáv Heckenast, 1867. (Cópia fac-similar eletrônica.)
- VÁMBÉRY, Á. *A Magyarok eredete – Ethnologiai tanulmány*. Budapeste, MTA, 1882. (Cópia fac-similar eletrônica.)
- VÁMBÉRY, Á. *Arminius Vámbéry – His life and adventures, written by himself*. Londres, T. Fisher Unwin, 1884. (Cópia fac-similar eletrônica.)
- VÁMBÉRY, Á. *Hungary in ancient, mediaeval, and modern times*. Londres, T. Fisher Unwin, 1886. (Cópia fac-similar eletrônica.)
- VÁMBÉRY, Á. *A Török faj ethnologiai és ethnografiai tekintetben*. Budapeste, MTA, 1895. (Cópia fac-similar eletrônica.)
- VÁMBÉRY, Á. *Közép-Ázsiai utazás – Melyet a Tudományos Akadémia megbízásából 1863-ban Teheránból a Turkman sivatagon át, a Kaspi tenger keleti partján Khivába, Bbokharába és Szamarkandba*. Pest, Gusztáv Emich, 1895. (Cópia fac-similar eletrônica.)
- VÁMBÉRY, Á. *A magyarság keletkezése és gyaporodása*. Budapeste, Franklin-Társulat, 1895. (Cópia fac-similar eletrônica.)
- VÁMBÉRY, Á. *Küzdelseim*. Budapeste, Franklin-Társulat, 1905. (Cópia fac-similar eletrônica.)
- VÁMBÉRY, Á. *A magyarság bölcsőjénél – A magyar-török rokonság kezdete és fejlődése*. Budapeste, Athenaeum, 1914. (Cópia fac-similar eletrônica.)
- VÁMBÉRY, Á. *Čagataische Sprachstudien, enthaltend grammatikalischen Umriss, Chrestomathie, und Wörterbuch der čagataischen Sprache*. Amsterdã, Philo Press, 1975. (Cópia fac-similar eletrônica.)